

## O Papel da Tese da Indeterminação da Tradução na Concepção Behaviorista da Mente em Quine

Juliana Weingaertner (PIBIC/CNPq – UFSC)

Orientador: Luís Henrique de A. Dutra

### I. Introdução

Além de Quine ser considerado um dos filósofos mais proeminentes no cenário da filosofia analítica contemporânea, ele também foi o precursor da idéia de uma epistemologia naturalizada. Mas o que significa, e qual a importância de se defender a proposta de uma epistemologia naturalizada? Para responder esta questão, é interessante analisar o contexto em que Quine desenvolveu suas idéias e focalizar a corrente a que ele se opôs. Pois a proposta de uma epistemologia naturalizada surgiu como uma resposta à crise da epistemologia apriorística ou analítica, que foi veementemente defendida pelos integrantes do Círculo de Viena, no início deste século.

Em poucas palavras, o projeto de Carnap, um dos maiores expoentes do círculo de Viena, tal como ele expôs no *Aufbau*, visava uma reconstrução racional do conhecimento a partir dos dados dos sentidos. Desta forma, Carnap postulou quatro níveis de objetos: os objetos autopsicológicos, os objetos físicos, os heteropsicológicos e, por fim, os objetos culturais. Segundo esta concepção, os objetos de um nível superior poderiam reduzir-se aos objetos de um nível inferior através de uma análise lógica. Isto significava que, em última instância, qualquer objeto poderia se reduzir a um objeto do primeiro nível, ou seja, a um objeto da experiência imediata. A idéia central advogada por Carnap era de que o conhecimento poderia ser fundamentado sobre a experiência imediata. Neste contexto, a epistemologia assumia um caráter primordialmente normativo, uma vez que estabelecia como se realizaria a reconstrução racional.

Entretanto, de acordo com Quine, esta proposta teve que ser irremediavelmente abandonada. Como alternativa, ele propõe uma epistemologia naturalizada, segundo a qual caberá um novo papel à epistemologia, ou seja, o de estudar a relação entre teoria e evidência com o auxílio da própria ciência, em particular, com o auxílio da psicologia behaviorista. Desta forma, torna-se evidente que, dentro do quadro da epistemologia naturalizada, a psicologia behaviorista assume uma importância fundamental. Por esta razão, proponho-me a analisar com um pouco mais de cuidado o programa behaviorista a que Quine se filia.

Por outro lado, Carnap também desenvolveu uma semântica intensional. E Quine, por sua vez, dirigiu críticas ferozes a este tipo de abordagem durante um grande período de sua vida. E é exatamente neste contexto que aparece a tese da indeterminação da tradução, uma vez que esta será um ponto chave no ataque que Quine faz à semântica intensionalista.

Consequentemente, proponho-me neste texto a fazer uma explanação da tese da indeterminação da tradução, tal como é apresentada por Quine no segundo capítulo de seu livro *Word and Object* para, em seguida, tecer algumas considerações acerca do naturalismo e do behaviorismo, na tentativa de investigar em que medida a

tese da indeterminação da tradução é uma conseqüência do behaviorismo assumido por Quine em um certo período de sua carreira. Vale mencionar as críticas realizadas em face das teorias mentalistas tradicionais, uma vez que o behaviorismo surge como uma tentativa de escapar a este tipo de abordagem.

## II. Algumas notas sobre a tese da indeterminação da tradução

Em seu artigo *Epistemologia Naturalizada* Quine sugere uma nova proposta para a epistemologia, ou seja, que ela passe a estudar a relação entre teoria e evidência de uma maneira bem diferente de como esta relação foi concebida outrora, a saber, como uma dedução dos dados dos sentidos, ou conteúdos imediatos da consciência. Dentro desta nova concepção, estamos autorizados a utilizar as informações fornecidas pela própria ciência, e Quine faz uso da psicologia behaviorista ao tentar compreender o elo que vincula a ciência à experiência. Ele afirma que “a estimulação dos receptores sensoriais constitui, em última análise, toda a evidência na qual cada um terá podido basear-se para chegar à sua concepção de mundo” (Quine 1969, p.160) Em outro artigo, Quine sugere que, dentro desta proposta de epistemologia naturalizada, quando um filósofo se dirige à filosofia da mente, ele deverá falar de linguagem. E a linguagem é entendida como “uma arte social que nós todos adquirimos, tendo como única evidência o comportamento aberto de outras pessoas em circunstâncias publicamente reconhecíveis” (Quine 1953, p.133). Neste pequeno texto, também vou tentar avaliar em que medida a tese da indeterminação da tradução se relaciona com esta concepção de linguagem

Deste modo, já no segundo capítulo de *Word and Object*, Quine trata da relação entre o conhecimento e as estimulações em nossa superfície sensível. Quine admite que, se pretendemos buscar o conteúdo empírico do discurso, a única coisa de que dispomos são as estimulações não-verbais, ainda que estas não tenham uma correspondência evidente com o discurso resultante. A partir disso, cabe analisar que parte da linguagem adquire sentido sob a luz de condições de estimulação e que parte da linguagem é abandonada a variação não condicionada empiricamente.(p. 26)

Na tentativa de caracterizar o âmbito de variações sem condicionamento empírico é que entra a tese da indeterminação da tradução, que pode ser enunciada do seguinte modo:

É possível confeccionar manuais de tradução de uma língua para outra de diferentes modos, todos compatíveis com a totalidade das disposições verbais, e contudo, todos incompatíveis uns com os outros. (Quine 1960, p.27)

Para explicitar melhor este ponto é imaginada uma situação extrema, a situação da tradução radical: ela ocorre quando um lingüista chega a uma terra estrangeira incumbido da tarefa de traduzir uma língua completamente desconhecida para sua língua materna. O lingüista, por sua vez, não conta com a ajuda de intérpretes e, uma vez que as linguagens não são aparentadas, não recebe ajuda de correspondências fornecidas por uma cultura compartilhada. Nesta situação, “os únicos dados objetivos



Como subcategorias das sentenças ocasionais e das sentenças fixas encontramos, respectivamente, a classificação em sentenças observacionais e sentenças eternas. E, se por um lado, as sentenças eternas são sentenças fixas, que podem ser de caráter geral ou dizer respeito a um evento particular desde que devidamente especificado, cujo valor de verdade está permanentemente fixado, por outro lado as sentenças observacionais se caracterizam por serem sentenças ocasionais intersubjetivamente compartilháveis. Estas são as primeiras sentenças aprendidas pelo lingüista incumbido da tarefa da tradução radical, devido ao fato destas sentenças estarem diretamente relacionadas com a presente estimulação não verbal e também por elas serem percebidas tanto pelo lingüista quanto pelo nativo. De acordo com Quine, “quanto mais firmes forem os vínculos diretos de uma sentença com a estimulação não verbal, menos drasticamente poderão divergir suas traduções nos vários manuais.”(Quine 1960, p. 27). Porém, mesmo nestes casos onde o vínculo com a estimulação não-verbal parece tão evidente, a indeterminação da tradução acontece. Voltemos ao caso do nosso lingüista na selva. O problema é que mesmo quando aplicado a sentenças ocasionais como “gavagai” e “coelho” a noção de significado estímulo não parece dar conta da relação de sinonímia de uma maneira completamente satisfatória. Pois pode haver influência de informação colateral, e não há maneira de separar aquilo que é informação colateral daquilo que é a estimulação que provocou o assentimento à sentença se esta informação colateral for compartilhada por toda a comunidade nativa. Quine imagina como exemplo uma certa mosca do coelho, que faria parte da estimulação visual da nativo para assentir a coelho mas que fosse completamente desconhecida para o lingüista. (p. 37). Deste modo não há uma maneira experimental que justifique colocar os significados estímulo de duas sentenças ocasionais de dois falantes diferentes em uma relação de igualdade. Quine afirma “Apesar disso, deve considerar-se a significação estimulativa (...) como a realidade objetiva que o lingüista deve investigar quando ele se empenha na tarefa da tradução radical. (Quine 1960, p. 39). Porém, nem todas as significações estimulativas são sensíveis à informação colateral da mesma maneira. Quine trabalha com o conceito de graus de observacionalidade justo para distinguir a propensão que o significado-estímulo de uma sentença tem para sofrer influência de informação colateral. E o significados estímulos menos sensíveis à influência de informação colateral são aqueles para os quais é mais provável surgir certo consenso na comunidade quanto às estimulações que irão provocar o assentimento e o dissentimento de uma dada sentença ocasional. E quanto maior o grau de observacionalidade de uma sentença, melhor o conceito de significado-estímulo se aplica para definir o significado desta sentença. Assim, chamamos de sentenças observacionais aquelas sentenças que menos sofrem variação de significado-estímulo entre seus falantes. É justo pelo fato de alcançar um certo grau de concordância que estas sentenças lembram as sentenças sobre os dados sensíveis com as quais os cientistas trabalham. (p. 44). O problema desta definição é que não há um modo definitivo de eliminar os efeitos da informação colateral. Como salienta Quine, a dificuldade é que ela “não condena as consequências da informação colateral universalmente compartilhada, como a que dizia respeito à mosca do coelho”

Enfim, a caracterização das sentenças observacionais proposta por Quine também dá conta de sua tese da falibilidade, que chama a atenção para o fato de todas as sentenças serem revisáveis. Como afirma o próprio Quine, “só há escopo para erro e disputa na medida em que as conexões com a experiência são múltiplas e indiretas”, pois não haveria o menor espaço para controvérsias se as “as estimulações de uma sentença estão diretamente ligadas a uma estimulação atual” (Quine 1960, p. 44)

As sentenças que não possuem um alto grau de observacionalidade, por sua vez, se vinculam apenas indiretamente com as estimulações que provocam o assentimento de uma sentença, e tendem a divergir muito nos seus significados-estímulo de falante para falante. Logo, a identidade de significado-estímulo não autoriza a tradução de sentenças com baixo grau de observacionalidade, como “bacharel” e “solteiro” “Mas quando aplicado a um mesmo falante, o critério de sinonímia estimulativa, ou igualdade de significado-estímulo, é um critério de sinonímia tão eficaz para sentenças ocasionais não-observacionais como para sentenças observacionais” (Quine 1960 p.46)

### **III. A tese da indeterminação da tradução aplicada à teoria da referência dos termos**

Quine sugere que na medida em que utilizamos a noção de significado estímulo como um conceito de significação para sentenças, pode-se ficar tentado a utilizá-lo também como um conceito de significado para termos, como “gavagai” e “coelho”. Mas esta é uma idéia errônea. (p. 51). De acordo com Quine, a sinonímia estimulativa de sentenças ocasionais como “gavagai” e “coelho” não garante de jeito nenhum que estes termos sejam coextensivos, ou seja, verdadeiros a respeito das mesmas coisas. (p. 51). Novamente se aplica aqui a tese da indeterminação da tradução, mas agora com respeito à referência dos termos. Porque se nosso lingüista contar apenas com os significados-estímulo, que é a única realidade que ele está autorizado a utilizar, ele não tem como decidir se o termo “gavagai” se aplica a coelhos, meros estágios ou breves segmentos temporais de coelhos, ou ainda a todas e cada uma das partes reunidas de um coelho. Porque em qualquer um destes casos, temos o mesmo significado-estímulo impelindo o assentimento e o dissentimento a cada uma destas expressões. (p. 52) Deste modo. “quando, partindo do mesmo significado estímulo, o lingüista passa à conclusão de que um gavagai é um coelho com toda a sua consistência, está supondo que o indígena é o suficiente parecido conosco para ter um termo geral para designar coelhos e nenhum termo geral, em suma, para designar estados ou partes de coelhos.” (Quine 1960, p. 52). Uma outra alternativa compatível com mesma significação estimulativa seria entender “gavagai” como um termo singular que nomeia a fusão de todos os coelhos. (p. 52), ou ainda considerá-lo “um termo singular que nomeia um universal recorrente, a qualidade de coelho”. Pois “a distinção entre um objeto concreto e um objeto abstrato, assim como a distinção entre um termo singular e um termo geral, é independente do significado-estímulo.” Quer dizer, esta distinção transcende a evidência fornecida pelas disposições dos falantes assentir ou dissentir às sentenças. E Quine ressalta que se a ostensão não for acompanhada de questões sobre identidade e diversidade, que já pressupõem o uso de um aparato de referência próprio do nosso esquema conceptual, a referência objetiva será inescrutável.

“Enquanto não decidimos que expedientes indígenas considerar como executores do nossos próprios auxiliares de referência objetiva- nossos artigos e pronomes, nosso singular e plural, nossa cópula, nosso predicado de identidade- não podemos sequer dizer quais locuções indígenas devem contar como análogas de termos tal com nós o fazemos e menos ainda igualá-las com as nossas termo por termo. O aparato inteiro é interdependente, e a própria noção de termo é tão particular, próprio da nossa cultura como são esses expedientes auxiliares.”(Quine 1960, p. 53)

Durante sua tarefa de tradução, nosso lingüista deve utilizar-se de hipóteses analíticas, ou seja, ele deve segmentar os sons utilizados pelos indígenas em segmentos curtos recorrentes, e compor uma lista de palavras, para, em seguida, colocá-las hipoteticamente em relação de igualdade com várias palavras e expressões da sua língua materna. Mas o modo de colocar estas expressões em correspondência também não está definitivamente determinado. E Quine argumenta que “como não há nenhuma correspondência posicional geral entre as palavras e frases de uma linguagem e suas traduções em outra, também serão necessárias algumas hipóteses analíticas para explicar as construções sintáticas.”(Quine 1960, p. 70). No entanto, as hipóteses analíticas ultrapassam a evidência fornecida pelas disposições do nativo para assentir ou dissentir sentenças. Quine afirma: Ao se traçar analogias entre sentenças que foram tomadas para traduzir e outras elas [as hipóteses analíticas] estendem os limites práticos da tradução para além do âmbito em que possa existir evidência independente” (Quine 1960, p.70)

Um último ponto diz respeito as razões pelas quais a tese da indeterminação da tradução poderia passar despercebida. E Quine elenca, como razão principal, “a tenaz sensação de que um sujeito bilíngüe está em uma posição que o permita estabelecer, de um modo geral, correlações corretas e inequívocas entre as sentenças de suas línguas”(Quine 1960, p.74). Esta sensação seria consequência de uma teoria mentalista das idéias, segundo a qual, “cada sentença, com suas traduções admissíveis, expressa uma idéia idêntica na mente do sujeito bilíngüe”. Mas toda crítica de Quine se dirige contra a noção de proposição ou idéia, entendida como uma entidade que confere significados às sentenças. Entretanto, ainda que nos recusemos a falar de idéias, esta crença poderia subsistir, e apenas reaparecer em outra forma, num discurso que proponha “que a sentença e suas traduções correspondam a uma condição neurológica idêntica, ainda que desconhecida, do bilíngüe”(Quine 1960, p. 74). Esta concepção, segundo Quine, também não se sustenta. Em outras palavras, a tradução de duas sentenças de línguas diferentes não pode ser justificada recorrendo-se ao argumento de que as duas sentenças correspondem a uma mesma condição neurológica no cérebro do sujeito. Pois, ainda que haja esta mesma condição neurológica, ainda que um indivíduo tenha, de alguma forma, uma correlação semântica privada, ela será válida apenas para aquele indivíduo. E, uma vez que o sistema neurológico dos indivíduos dentro de uma comunidade de falantes varia consideravelmente em nada acrescenta afirmar que um certo indivíduo tem a sua correlação

semântica privada a fim de justificar a tradução entre duas sentenças. Vale mencionar uma metáfora que Quine utiliza para ilustrar este ponto:

Pessoas diferentes que crescem na mesma linguagem são como arbustos diferentes criados e podados para tomarem a forma de elefantes idênticos. Os detalhes anatômicos dos ramos e raminhos satisfarão a forma de elefante de modos diferentes de arbusto para arbusto, mas o resultado geral externo será parecido”(Quine 1960, p. 8)

Enfim, Quine salienta que a linguagem como um procedimento social, é que vai garantir a uniformidade que nos possibilita a comunicação. Nem sequer importa se a nossa constituição anatômica é semelhante. Simplesmente não há entidade como um significado, ou uma condição neurológica semelhante que, independente do uso, justifique o fato de que duas sentenças de línguas diferentes possam ser traduzidas uma pela outra. Pois se aceitarmos esta tese voltamos ao velho mito do museu, mencionado no artigo “Relatividade Ontológica” segundo o qual “as coisas expostas são os significados e as palavras são as etiquetas. Mudar as linguagens é mudar as etiquetas”(Quine 1980. p.133).

#### BIBLIOGRAFIA

- DUTRA, L.H.de A.2000a. “Quine and Nature of Mind: From Behaviorism to Anoumalous Monism”.In Dutra, L.H.de A.and Mortari,C.A.(eds), *Princípios:Seu Papel na Filosofia e nas Ciências. Rumos da Epistemologia series, v.3.* Florianópolis: NEL/UFSC: 275-308.
- GIBSON, Jr, R. F.1986. *The Philosophy of W.V.O Quine: an expository essay.* University Presses of Florida : Tampa
- QUINE,W.V.O.1953.*De um ponto de vista Lógico.* Abril Cultural: 1980.
- \_\_\_\_\_.1960. *Word and Object.* MIT Press: Cambrigde, Mass.
- \_\_\_\_\_.1969. *Relatividade Ontológica e outros Ensaios.* Abril Cultural: São Paulo, 1980.